

AUTOMEDICAÇÃO: UM RISCO PARA SAÚDE?

SELF-MEDICATION: A HEALTH RISK?

Mariana Luchesi da Silva Silveira¹, Denise Pereira de Lima Carvalho^{2*}, Matheus Diniz Gonçalves Coelho³

¹Discente do Curso de Farmácia, UniFUNVIC – Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba-SP.

²Mestre. Docente do curso de Enfermagem do UniFUNVIC – Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba-SP.

³Doutor. Docente do curso de Enfermagem do UniFUNVIC – Centro Universitário FUNVIC, Pindamonhangaba-SP.

*Correspondência: deplima68@gmail.com

RECEBIMENTO: 07/10/21 - ACEITE: 30/06/22

Resumo

Dentre as razões que levam um indivíduo a se automedicar, destaca-se a dificuldade de acesso aos serviços básicos de saúde e ao profissional responsável pela prescrição do medicamento, porém tal prática pode trazer consequências não desejáveis aos que optam por praticar a automedicação. Na presente pesquisa objetivou-se avaliar a cultura da automedicação por parte de usuários de mídias sociais e de identificar as principais queixas de saúde e fatores associados que levaram a adesão a tal prática, utilizando-se como instrumento de coleta de dados um questionário *on-line* disponibilizado em uma plataforma virtual, acerca da adesão à prática da automedicação e as possíveis consequências não desejáveis decorrentes desse processo. A amostra foi constituída por 119 indivíduos com acesso as redes sociais e que atendiam. Evidenciou-se que a automedicação é constante na amostra estudada (99%), tendo-se optado por tal prática principalmente para controle de dores de cabeça, com predisposição para uso de dipirona como medicamento de primeira escolha, porém a maioria dos participantes (74%) já fez uso de sobras de medicamentos, sendo também majoritária (79%) a proporção de indivíduos que já havia indicado algum medicamento para conhecidos ou que já tinha feito uso de medicamentos por indicação de outra pessoa pertencente ao seu ciclo social, permitindo concluir que se faz necessária uma conscientização da população quanto à adesão a um uso mais racional de medicamentos, como forma de minimizar os riscos inerentes a essa prática, mesmo em se tratando de medicamentos que apesar de serem de venda livre, podem trazer riscos importantes para a saúde pública.

Palavras-chave: Automedicação. Prescrição de medicamentos. Comportamento de risco à saúde.

Abstract

Among the reasons that lead an individual to self-medicate, the difficulty in accessing basic health services and the professional responsible for prescribing the medication stands out, but this practice can have undesirable consequences for those who choose to practice self-medication. The present research aimed to evaluate the culture of self-medication by users of social media and to identify the main health complaints that and associated factors that led to adherence to this practice, using an online questionnaire made available on a virtual platform as a data collection instrument. , about adherence to the practice of self-medication and the possible undesirable consequences resulting from this process. The sample consisted of 119 individuals with access to social networks and who met the inclusion criteria. It was evident that self-medication is constant in the studied sample (99%), and this practice was chosen mainly to control headache, with a predisposition to use dipyrone as a first-choice medication, but most participants (74%) had already used leftover medicines, and the majority (79%) were also the proportion of individuals who had already indicated some medication to acquaintances or who had already used medication on the recommendation of another person belonging to their social cycle, allowing conclude that it is necessary to raise awareness of the population with regard to adherence to a more rational use of medicines, as a way of minimizing the risks inherent to this practice, even in the case of medicines that, despite being over-the-counter, can bring important risks to public health.

Keywords: Self-medication. Prescription of medicine. Health-risk behaviors.

Introdução

Automedicação é o ato de ministrar medicamento a si mesmo sem prescrição de um profissional da saúde habilitado e vários fatores concorrem para uma grande adesão a essa prática, dentre os quais o compartilhamento de medicamentos com familiares ou pessoas do círculo social.¹

Em todo o mundo, as principais situações de saúde que motivam a automedicação são tosse, resfriado comum congestão nasal ou broncoespasmo, febre, cefaleia, diarreia, má digestão e cólicas.²

Apesar do possível alívio imediato, essa conduta pode acarretar problemas de saúde mais graves, devido à falta de conhecimento em relação às contraindicações, reações adversas e interações medicamentosas.³ Supõe-se que automedicação no Brasil é cultural e traz sérios danos à saúde. A conscientização dos riscos da automedicação é de suma importância, pois a cultura de se automedicar está presente no cotidiano da sociedade brasileira.⁴

A automedicação pode ser classificada de três formas: cultural, quando se faz uso de medicamentos a partir do conhecimento adquirido ao longo do tempo, e que se repete através de gerações; orientada, quando o paciente já possui conhecimentos prévios sobre as medicações que pretende utilizar; ou induzida, quando o uso de medicamentos é realizado devido a influência de campanhas publicitárias com fins comerciais.⁵⁻⁸

São várias as razões que levam um indivíduo a se automedicar, destacando-se a dificuldade de acesso aos serviços básicos de saúde e ao profissional responsável pela prescrição do medicamento.^{5,8,9}

Pode-se também citar a falta de fiscalização dos órgãos públicos competentes e diversos interesses comerciais que induzem a população a se automedicar. Sendo assim, admite-se que a automedicação tem aumentado de maneira significativa no mundo todo, inclusive no Brasil, onde tal aumento tem ocorrido de forma mais acentuada nas regiões mais carentes.¹⁰

Porém, vale ressaltar que tal prática não ocorre somente nas classes mais desfavorecidas. Nas classes sociais de maior poder aquisitivo, onde os indivíduos possuem um nível de escolaridade mais elevado, o consumo de medicamentos sem orientação médica também é uma prática rotineira, provavelmente por acreditarem que possuem conhecimento suficiente para tal.¹¹⁻¹³

Devido à precariedade do sistema público de saúde, sobretudo em países subdesenvolvidos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a automedicação uma necessidade, como função complementar ao tratamento de diversas doenças.¹³⁻¹⁵

Por este motivo, a OMS publicou diretriz¹⁶ para a utilização segura de medicamentos que

poderiam ser empregados em automedicação, segundo a qual os medicamentos devem ser confiáveis, eficazes, seguros e de fácil administração pelo próprio indivíduo. No entanto, sabe-se que a venda livre de medicamentos pode induzir a automedicação por facilitar a sua aquisição.^{13,15}

Ainda merece destaque a predominância do sintoma dor e o uso de analgésicos, sendo importante o delineamento de novas pesquisas que abordem melhor essa questão e forneçam outras alternativas para o alívio da dor. É importante ressaltar que temos poucas pesquisas referentes a esse assunto, demandando uma maior atenção acerca do tema.¹⁴

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar a cultura da automedicação por parte de usuários de mídias sociais e de identificar as principais queixas de saúde e fatores associados que levaram a adesão a tal prática.

Método

Trata-se de uma pesquisa de campo para a realização da qual utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, um questionário disponibilizado nas redes sociais através da plataforma virtual *Google forms*. A amostra foi constituída por 119 indivíduos com acesso às redes sociais, maiores de 18 anos, de ambos os sexos.

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário FUNVIC, via Plataforma Brasil, e, foi aprovado sob número CAAE: 24154819.4.0000.8116.

Após acessar a plataforma, os entrevistados tiveram acesso ao termo de consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e só puderam acessar o questionário após concordância com os termos da pesquisa.

Os dados foram processados e avaliados estatisticamente, utilizando o teste qui-quadrado de Pearson (χ^2) e o software Bioestat 5.3, como ferramenta de apoio.

Resultado

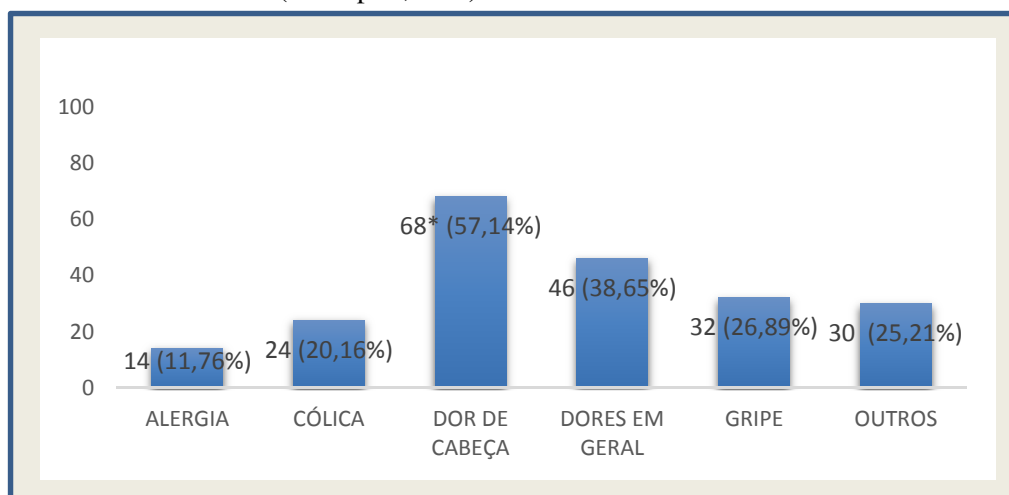
No que diz respeito às características da população que participou da pesquisa, de um total de 119 participantes, a maioria significativa ($p < 0,0001$), correspondente a 84 participantes (70,58%), pertenciam a faixa etária de 18 a 30 anos, seguida da faixa etária de 31 a 59 anos, que correspondeu a 35 participantes (29,42%). Quanto ao sexo, houve predomínio ($p < 0,0001$) de mulheres, correspondendo a 72% dos entrevistados.

Dos respondentes, 97% ($p < 0,0001$) relataram saber o que é automedicação, e 99% ($p < 0,0001$) já

lançou mão dessa prática para tratar problemas de saúde.

Também foi possível identificar que 74% ($p < 0,0001$) dos participantes já fez uso de sobras de medicamentos que não havia sido totalmente consumido em datas anteriores, sendo também majoritária (79%/ $p < 0,0001$) a proporção de indivíduos que já havia indicado algum medicamento para conhecidos ou que já tinha feito uso de medicamentos por indicação de outra pessoa pertencente ao seu círculo social (98%/ $p < 0,0001$).

Ao serem questionados sobre os motivos que os levam a se automedicar, 68 participantes (57,14%/ $p < 0,01$) relataram assim proceder quando acometidos de cefaleia, havendo uma proporção menor de pacientes que informaram aderir a essa prática quando acometidos de outros transtornos, dentre os quais: dores em geral (38,65%), gripe ou resfriado (26,89%) e cólicas menstruais (20,16%).

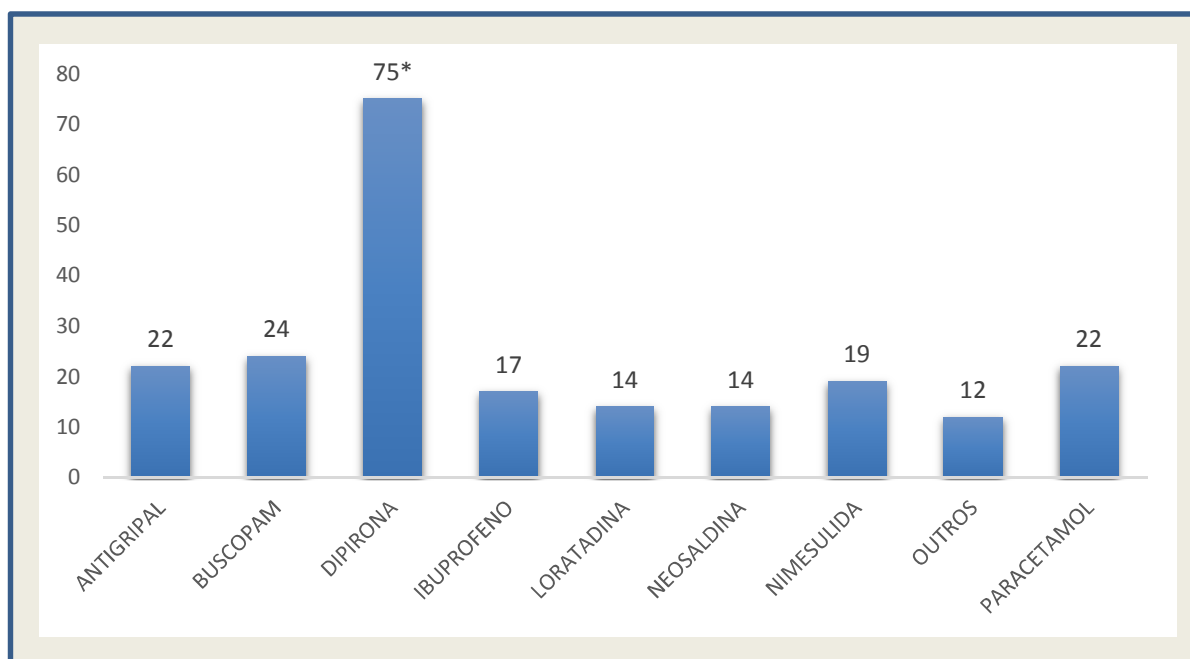


* diferença significativa em relação aos demais sintomas ($p < 0,01$)

Figura 1- Situações nas quais os participantes da pesquisa relataram aderir à prática da automedicação.

Por fim, 75 participantes (65,78%/ $p < 0,0001$) da pesquisa relataram que, quando da prática da automedicação, usam principalmente o analgésico dipirona, seguido de outros medicamentos, dentre os

quais brometo de n-butil escopolamina - Buscopam® (21,05%) e paracetamol (19,29%) (Figura 2).



* diferença significativa em relação aos demais medicamentos

Figura 2- Medicamentos usados em automedicação

Na questão de quais os medicamentos utilizados quando se automedicam dentre as respostas, destaca-se o uso de dipirona, cujo uso foi estatisticamente superior ($p < 0,0001$; qui-quadrado) ao uso de outros fármacos, e, em seguida são bastante utilizados: buscopan, paracetamol, antigripal, alguns anti-inflamatórios e outros analgésicos; com menos destaque: sais de fruta, omeprazol, simeticona e dexametasona.

Discussão

Conforme os resultados obtidos, observou-se que a maioria dos participantes (97%) relatou ter conhecimento a respeito do que se trata ser automedicação, apesar de não ter sido dada opções para escolha do conceito que seria o correto. Tal evidência possivelmente está atrelada a fácil compreensão do termo, porém cabe inferir que usar medicamentos sem orientação de um profissional habilitado implica em se expor a diversos riscos para a saúde.

No presente trabalho observou-se um elevado grau de automedicação entre os indivíduos avaliados, concordando com diversos autores, em nível nacional e mundial.^{5,15} De acordo com Petrovic et al¹⁵ as taxas de prevalência de automedicação no público em geral têm se mostrado elevada em todo o mundo, estando em torno de 50% a 53,8%, sendo muito frequente entre estudantes.

Em pesquisa realizada na Sérvia¹⁵, observou-se que 90% de estudantes universitários informaram fazer uso de algum medicamento por meio da automedicação, com maior prevalência entre estudantes da área da saúde, quando comparado aos índices observados na população em geral ou em estudantes de outras áreas diversas a área da saúde. Da mesma forma, Mohammed Al-Qahtani et al.¹⁶ demonstraram haver alto índice de automedicação e destacaram que diversos fatores sociodemográficos, dentre os quais idade, raça, sexo, nível educacional e econômico e residência, influenciam na prática da automedicação, como também fatores relacionados a experiência anterior, ocupação, dificuldade de acesso a unidades de saúde, pouca disponibilidade de tempo e baixa renda.

Conforme os resultados obtidos pela presente pesquisa, a automedicação teve prevalência em indivíduos entre 18 e 30 anos, sendo mais ocorrente nos participantes do sexo feminino, em semelhança aos resultados descritos por diversos pesquisadores,^{5-8,11,12} dentre os quais Souza et al¹⁷, os quais avaliaram o perfil de automedicação em 504 cidadãos brasileiros e também observaram predominância da prática em mulheres. De acordo com Delgado e Vriesmann,¹⁸ a maior ocorrência de automedicação em mulheres está relacionada com o fato de que elas

são mais alertas quanto a sinais de doenças e com o fato de menstruarem, situação fisiológica que gera a sensação de dor e desconforto e comumente demanda o uso de medicamentos.

Na presente pesquisa constatou-se que a maioria dos entrevistados possuía conhecimento acerca do que é automedicação e que 99% destes a praticava, corroborando com vários autores que constataram alta adesão a essa prática, que é feita na maioria das vezes lançando-se mão de sobra de prescrições antigas, indicações de familiares e de pessoas de seu círculo social, além de afirmar a preocupante facilidade de acesso a medicações.^{1,7-9,12,13}

Em concordância com a literatura utilizada, a causa de maior predominância são as dores em geral, tendo em maior destaque a dor de cabeça, demonstrando assim que a automedicação está frequentemente ligada ao tratamento imediato da dor, já que os medicamentos mais utilizados foram a dipirona e buscopan®, fármacos que tem como principal terapêutica o alívio da dor.^{2,5,6,11,13}

Cabe destacar que o uso do medicamento buscopan® foi apontado como um dos mais utilizados pelos participantes da pesquisa, concordando com a evidência de que as mulheres foram predominantes na prática da automedicação, já que o referido medicamento é utilizado principalmente para dor de origem espasmódica, que por sua vez é de elevada frequência no sexo feminino como decorrência do período menstrual, conforme já mencionado anteriormente.

A dor foi o principal sintoma que levou a automedicação sendo os analgésicos e antitérmicos de venda livre os mais utilizados. As drogas analgésicas produzem menor número de efeitos adversos em se tratando do sistema circulatório e respiratório e tem baixo potencial de abuso ao se comparar com os analgésicos narcóticos^{8,11,12}, entretanto tais fármacos podem causar diversos transtornos, a exemplo da dipirona, que apesar de ser de venda livre no Brasil, é um medicamento banido em mais de 30 países, devido a possibilidade de causar agranulocitose¹⁹.

Deve-se também ponderar sobre o fato de que a presente pesquisa foi realizada em meio a pandemia da COVID-19, na qual, devido ao temor das consequências inerentes a infecção pelo coronavírus, desenvolveu-se em grande parcela da população a adesão a prática da automedicação²⁰, que inclusive foi maximizada provavelmente devido a ausência de tratamento eficaz para controle da infecção, bem como da incipiência das vacinas, que foram aprovadas apenas para uso emergencial, por não serem 100% eficazes no que concerne a indução de anticorpos totalmente capazes de neutralizar o vírus.

Indo de encontro a recomendação da OMS, que considera a automedicação como sendo uma necessidade, já que pode complementar o tratamento de diversas doenças, a ANVISA elaborou uma Lista de Grupos e Indicações Terapêuticas Especificadas (GITE - Resolução - RDC nº 138, de 29 de maio de 2003), composta por medicamentos que podem ser comercializados sem prescrição médica, fato este que é de importância relevante, pois auxilia no tratamento de transtornos menores, porém, conforme já explicitado, pelo fato de se permitir um acesso extremamente facilitado a medicamentos no Brasil, a automedicação é um tema que deve ser trabalhado melhor junto à população para evitar prejuízos a saúde devido ao uso indiscriminado de tais substâncias.

O uso indiscriminado e sem conhecimento da ação terapêutica dos medicamentos pode causar danos no organismo, mormente quando do uso sem orientação de profissional habilitado para promoção do uso racional de medicamentos, uma vez que os mesmos podem induzir a efeitos adversos, dentre os quais: agranulocitose, irritação e sangramento gástrico e até mesmo aumento do risco de eventos cardiovasculares, podendo, inclusive, causar intoxicações graves e até fatais, quando do uso em doses excessivas ou decorrentes de interações medicamentosas. Por fim, outros efeitos indesejáveis podem ocorrer, dentre os quais reações alérgicas, resistência a medicações, dependência, além de que, apesar de causar alívio momentâneo dos sintomas, pode-se mascarar sintomas de enfermidades, maximizando a possibilidade de agravamento de prognóstico de pacientes.^{5,11,13,14,21.}

O consumo autodeterminado de determinados medicamentos é uma prática que pode trazer benefícios para os que a praticam, já que essencialmente pode aliviar sintomas decorrentes de enfermidades menos graves, porém, por outro lado, se o uso de tais substâncias se der de forma não racional, pode-se ao invés de curar ou aliviar transtornos, agravar-se problemas, e, conseqüentemente, caracterizar a automedicação como um verdadeiro risco para a saúde.

Conclusão

Conclui-se que há predominância de participantes da pesquisa que praticam automedicação bem como uma alta adesão e compartilhamento de tal prática, podendo caracterizar um potencial risco para a saúde, haja vista os riscos que podem advir desse processo, permitindo-se destacar a necessidade da prática rotineira da atenção farmacêutica, bem como de se criar políticas públicas de promoção a saúde, adotando estratégias e campanhas educativas que abordem melhor este

tema como forma de minimizar possíveis riscos à saúde da população.

Referências

1. Matos JF, Pena DAC, Parreira MP, Santos TC, Cora-Vital W. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cad Saúde Colet.* 2018;26(1):76-83. DOI: 10.1590/1414-462X201800010351
2. Domingues PHF, Galvão TF, Andrade KRC, Araújo PC, Silva MT, Pereira MG. Prevalência e fatores associados a automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidem Serv Saúde.* 2017;26(2):319-30. DOI: 10.5123/S1679-49742017000200009
3. Shenkel EP. Cuidados com os medicamentos. 3ed. Porto Alegre/ Florianópolis: UFRGS/UFRS. 1998. p.173
4. Ferreira WA, Silva JHM, Paschoal LR. Aspectos da automedicação na sociedade brasileira: fatores sociais e políticos. *Infarma.* 2009;21(7-8):46-50.
5. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TDS, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Rev Saúde Públ.* 2016;50(2):2-11. DOI: 10.1590/S1518-8787.2016050006117
6. Beckhauser GC, Souza JM, Valgas C, Piovezan AP, Galato D. Utilização de medicamentos na pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. *Rev Paul Pediatr.* 2010;28(3):262-8 DOI: 10.1590/S0103-05822010000300002
7. Garbin CAS, Batista JA, Garbin AJS, Saliba TA. A Realidade de Uma Prática Autocomplacente: Relato de Um Caso de Automedicação. *Arch Health Invest.* 2019;8(1):39-42. DOI: 10.21270/archi.v8i1.3152
8. Lucena LC, Souto AA, Lucena LC, Marques TN, Neves ACD. Prevalência da automedicação entre acadêmicos da área da saúde em Faculdade de Porto Nacional – TO. *Rev Cient ITPAC.* 2020;13(1):1-8.
9. Naves JOS, Castro LLC, Carvalho CMS, Merchán-Hamann E. Automedicação: Uma Abordagem Qualitativa de Suas Motivações. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2010;15(supl 1):1751-62. DOI: 10.1590/S1413-81232010000700087
10. Correia BC, Trindade JK, Almeida AB. Fatores Correlacionados a Automedicação Entre os Jovens e Adultos – Uma Revisão Integrativa da Literatura. *Rev Inic Cient e Ext.* 2019;2(1):57-61.
11. Araújo AL, Areda CA, Silva EV, Meiners MMA, Galato D. Estudos Brasileiros sobre automedicação:

- Uma análise da literatura. *Rev Bras Farm.* 2015;96(2):1178-201.
12. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev Saúde Publ.* 1997;31(1):71-7. DOI: 10.1590/S0034-89101997000100010
 13. Souza HWO, Silva JL, Neto MS. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. *Rev Eletrônica Farm.* 2008;5(1):67-72. DOI: 10.5216/ref.v5i1.4616
 14. Fernandes WS, Cembranelli JC. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. *Revista Univap.* 2014;21(37):5-11. DOI: 10.18066/revistaunivap.v21i37.265
 15. Petrovic AT, Pavlovic N, Stilinovic N, Lalovic N, Kusturica MP, Dugandzija T et al. Self-Medication Perceptions and Practice of Medical and Pharmacy Students in Serbia. *Int J Environ Res Public Health.* 2022;19(3):1193. <https://doi.org/10.3390/ijerph19031193>
 16. World Health Organization. The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>
 17. Al-Qahtani AM, Shaikh IA, Shaikh MAK, Mannasahed BA, Al-Qahtani FS. Prevalence, Perception, and Practice, and Attitudes Towards Self-Medication Among Undergraduate Medical Students of Najran University, Saudi Arabia: A Cross-Sectional Study. *Risk Manag Health Policy.* 2022;15:257-76. DOI: 10.2147/RMHP.S346998
 18. Souza MNC, Ricardino IEF, Sampaio K, Silva MR, Lima APG, Fernandes DL, Sampaio AC, et al. Ocorrência de automedicação na população Brasileira como estratégia preventiva ao SARS-CoV-2. *Res Soc Dev.* 2022;10(1): e44510111933. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11933>
 19. Delgado AFS, Vriesman LC. O perfil da automedicação na sociedade brasileira. *Rev Saúde Desenv.* 2018;12(11):57-75.
 20. Nascimento JW. Política de proibição da dipirona: uma reflexão. *Braz J Health Rev.* 2021;4(3):11007-19.
 21. Elayeh E, Akour A, Haddadin RN. Prevalence and predictors of self-medication drugs to prevent or treat COVID-19: Experience from a Middle Eastern country. *Int J Clin Pract.* 2021;75(11):e14860. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ijcp.14860>
 22. Carsoni LMM, Junior DA. Marketing Farmacêutico: Relações das publicidades televisivas com a automedicação. *Visão Acad Curitiba.* 2018;19(4):55-65. DOI: 10.5380/acd.v19i4.61111